

**DO *AFRICAN RENAISSANCE* AOS DEZ ANOS DE NEPAD:
O IMPACTO DO NEOLIBERALISMO EM UMA ÁFRICA
EM TRANSFORMAÇÃO**

Anselmo Otavio

Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais
no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais na UFRGS
E-mail: anselmo_otavio@yahoo.com.br

Recebido em: 30 mai. 2012
Aceito em: 28 jun. 2012

RESUMO

O artigo em referência tem por objetivo discutir a influência e os impactos que o neoliberalismo vem gerando na África durante o período de 1998 – quando o *African Renaissance* surge – e até o ano de 2011 – quando o *The New Partnership for Africa's Development* (NEPAD) completou dez anos de existência.

Palavras-chave: *African Renaissance*. Neoliberalismo. *The New Partnership for Africa's Development*.

ABSTRACT

The article in reference aims to discuss the influence and impact that neoliberalism has generated in Africa during the period of 1998- when the African Renaissance emerges - and by the year 2011 - when The New Partnership for Africa's Development (NEPAD) completed ten years of existence.

Keywords: African Renaissance. Neoliberalism. The New Partnership for Africa's Development.

DO AFRICAN RENAISSANCE AOS DEZ ANOS DE NEPAD: O IMPACTO DO NEOLIBERALISMO EM UMA ÁFRICA EM TRANSFORMAÇÃO

Em artigo publicado pelo *Washington Quartely*, Gilley (2010) apresenta ao leitor dados importantes com relação à África nesta primeira década do século XXI. Intitulado “*The End of the African Renaissance*”, o artigo apresenta diversas informações que demonstram o aumento e/ou manutenção dos flagelos africanos em detrimento das metas que, até então, eram apresentadas como possíveis pelos estadistas africanos¹. Na esfera econômica, Gilley (2010), indica que o

Regional gross domestic product (GDP) per capita, which was growing at more than four percent a year in the 1990s and 2000s, shrank in 2009, and according to the IMF, will return to only 2.6 percent in 2010, mainly on the back of more government spending.

Somado a esse mau desempenho na manutenção do crescimento econômico, o autor indica que houve, desde a criação do *African Renaissance*, o aumento do trabalho informal, refletindo nos dias atuais para “*over 70 percent of non-agricultural employment and 42 percent of Africa's GDP*” (GILLEY, 2010). Além disso, tem-se que:

The Millennium Development Goals (MDGs) - set by the UN in 2000 to achieve basic education, health, and income in all developing countries by 2015 - are now a pipe dream for Africa, according to the World Bank. Africa is the only region in the world that has made insufficient progress or worsened across every single MDG indicator over the last decade.

Vale ressaltar que o artigo de Gilley (2010) não se restringe somente à esfera econômica, mas também ao plano político, que também não traz dados favoráveis ao período do *African Renaissance*. Segundo o mesmo, “*the corruption, nepotism, mismanagement, and decay still abound*” e “[*since*] 2005, however, Africa has witnessed four consecutive years of overall democratic decline” (GILLEY, 2010). Isso fica claro pois,

Across 11 countries tracked by the Afrobarometer public opinion survey project - Botswana, Ghana, Lesotho, Malawi, Mali, Namibia, Nigeria, South Africa, Tanzania, Uganda, and Zambia_ average satisfaction with democratic performance slipped by 5 percent (from 61 to 56 percent) between 1999 and 2008.(GILLEY, 2010)

¹ Ver artigo completo em: < <http://csis.org/files/publication/twq10octobergilley.pdf> >

De certo modo, este declínio na valorização da democracia reflete a situação política pela qual a África está passando, que vem sendo marcada pela tentativa de manutenção de governos que surgiram no período do *African Renaissance* (*cheetahs*) e, em contrapartida, pela tentativa de retorno de antigos governantes que haviam surgido no pós-independência e se mantinham de forma ditatorial em seus países (*hippos*)².

Segundo o autor, se por um lado,

The problem now is that some cheetahs are transmuting into hippos, while elsewhere hippos are coming back into power. Wade in Senegal, Yoweri Museveni of Uganda, Paul Kagame in Rwanda, and Meles Zenawi of Ethiopia are all cheetahs who came to power in ravaged countries at the outset of the African renaissance in the late 1980s and early 1990s. In many ways they have delivered, and their countries will not likely revert to the calamities of the past. But all of them have increasingly come to believe that they are indispensable to their nations, and cracked down on opposition and civil society voices who respectfully disagree, risking becoming hippos themselves. (GILLEY, 2010).

Por outro, o mesmo indica que

The hippos are returning Africa to the days when the resources of the modern state were employed to perpetuate a traditional form of personalistic rule. Building on the concept of "patrimonialism" developed by German sociologist Max Weber, this modern version has been called "neo-patrimonialism." In Africa, it has a special name: "big-man rule." Under big-man rulers, power is highly concentrated in the leader who doles out favors through face-to-face relationships in order to keep himself, rather than his party, in power. (GILLEY, 2010).

Embora os dados apresentados por Gilley (2010) conduzam o leitor a aceitar o fim do *African Renaissance*, é possível apresentar duas considerações acerca deste trabalho. A primeira diz respeito à ênfase dada somente às consequências e não às causas que levaram a esta situação. Já a segunda diz respeito ao período dos dados, isto é, eles se referem, predominantemente, à primeira década do século XXI e, nesse sentido, não apenas expõem o possível fracasso do *African Renaissance*, mas também as fragilidades da principal consequência deste Renascimento Africano, no caso o *New Partnership for Africa's Development* (NEPAD).

Dessa forma, tendo em vista os dados até então apresentados como referência, este artigo buscará discutir os possíveis causadores deste iminente fracasso, quais sejam, os princípios neoliberais, que ganharam força durante o *African Renaissance* e que servem de guia ao *New Partnership for Africa's Development* (NEPAD). Para isso, iniciaremos este trabalho expondo alguns pontos de destaque acerca do *African Renaissance* e do NEPAD. Posteriormente, apresentaremos sua relação com o neoliberalismo.

Como é sabido, o pós-Guerra Fria trouxe diversas transformações no cenário econômico-político internacional. "From the point of view of the South, it has both offered opportunities, in new coalitions and trading partnerships, and provided new constraints, in new political and economic conditionalities." (NYANG'ORO; SHAW, 2000). Neste contexto de transformações, percebem-se mudanças favoráveis ao continente africano. De acordo com Nabudere (2001),

After a period of unprecedented decline, Africa's development prospects now appear brighter than at any time since the decade of independence. In 1995, more than half the nations of Africa enjoyed real GDP growth in excess of their population growth.

Se no plano econômico o continente em questão apresentou mudanças, na esfera política não foi diferente. Com o avanço de eleições democráticas multipartidárias em diversos países do continente (NYANG'ORO; SHAW, 2000), notou-se o surgimento de "a new generation of African leaders who share the ideal that Africa's political and armed conflicts should be settled by collaboration amongst the Africans themselves without external influence" (NABUDERE, 2001).

² De acordo com "[the] Ghana-born economist George Ayittey distinguishes between the "hippos" who ran Africa into the ground after independence by ruling like village chiefs, and the new generation of "cheetahs" who emerged during the African renaissance with promises of good governance" (Gilley, 2010).

Neste contexto de transformações tanto na economia quanto na política surge o chamado Renascimento Africano, ou, como é mais comumente conhecido, o *African Renaissance*.

O termo "*African Renaissance*" foi utilizado pela primeira vez por Thabo Mbeki – então presidente do partido político ANC (*African National Congress*) – no ano de 1997 na Conferência anual deste partido (MALOKA, 2001). Contudo, apenas no ano de 1998, com o discurso de Thabo Mbeki – atual presidente da África do Sul – na Universidade das Nações Unidas (Taylor; Willians, 2001) e com a publicação do documento intitulado *African Renaissance: The New Struggle* (MALOKA, 2001), o Renascimento Africano passou a ser interpretado como um novo momento na história do continente³.

Em linhas gerais, "*the key pillars of the African renaissance are socio-cultural, political, economic regeneration and improvement of Africa's geo-political standing in world affairs*" (NABUDERE, 2001). Dessa forma, o Renascimento Africano simboliza possibilidades – tanto internas quanto externas – ao continente africano. No plano interno, o

African renaissance is the rebirth of peoples of African heritage for development and survival while respecting cultural divergence and identity of each people. (...) Thus the African renaissance rediscovers and reconfirms the sacred "value" of dignity and rights of peoples of African heritage equally among fellow human beings. (HEVI, 2004).

Já no plano externo, o Renascimento Africano pode ser considerado como

[...] um desafio lançado à comunidade internacional para auxiliar as novas lideranças africanas a encontrarem um rumo para o continente. Nesse sentido, o apelo de Mbeki centra-se na revisão da dívida externa dos países do continente e que os países ricos voltem a investir na África e que elaborem políticas comerciais mais generosas, abrindo os seus mercados para os produtos procedentes do continente, além de que também retomem os projetos de assistência tendo em vista o desenvolvimento da África. (PENA, 2001)

Embora o *African Renaissance* represente um novo momento na história da África, no qual existe a possibilidade de valorização da união e do respeito entre os africanos (Hevi, 2004), é fato que a questão econômica passou a ser preponderante, pois as transformações advindas do Renascimento Africano fizeram com que o continente deixasse de ser visto como um território marcado pela anarquia e marginalização para ser representado com o *status* de mercados emergentes (Nyang'oro; Shaw, 2000). Isso fica claro quando, no ano de 2001, a importância dada à economia pelo *African Renaissance* é consubstanciada no *New Partnership for Africa's Development* (NEPAD). (Ezeoha; Uche, 2005).

Constituído através da fusão de três programas voltados ao desenvolvimento africano – o "*Millennium Partnership for the African Recovery Programme*", o "*Omega Plan for Africa*" e o "*Compact for African Recovery*" (Melber, 2002) –, o *New Partnership for Africa's Development* possui como principal intuito desenvolver o continente africano. De acordo com Diallo (2011),

(...) o NEPAD é um documento oficial adotado pelos chefes de Estado e de Governo africanos, em outubro de 2001, em Abuja, capital da Nigéria. Esse documento apresenta os objetivos do NEPAD como uma promessa feita pelos dirigentes africanos, fundada numa visão comum, assim como uma convicção firme e compartilhada, fazendo com que haja urgência para erradicar a pobreza, colocar os países, individual e coletivamente na via de um crescimento e de um desenvolvimento duradouros, participando ativamente na economia e na política mundial.

³ De acordo com Fusi Maviembela, o *African Renaissance* representa o "*third moment*" in Africa's post-colonial history. According to this view, decolonisation represent de "*first moment*", with the 1990s democratic upsurge representing the "*second moment*". (Maviembela. apud Maloka, 2001)

Em suma, o *New Partnership for Africa's Development* busca, a longo prazo, romper com a extrema pobreza, gerar o desenvolvimento na África e inserir o continente no mundo globalizado (EZEHOA; UCHE, 2005). Todavia, o *New Partnership for Africa's Development* traz consigo o paradoxo existente entre o discurso baseado nos motivos que tornam a África um dos continentes mais pobres do mundo e o modo como os africanos devem atuar no cenário internacional atual, isto é, o NEPAD

[...] tenta reconciliar o irreconciliável. Junta um discurso radical, que localiza a miséria africana nos séculos de sua integração na economia mundial e de sua exploração pelo Ocidente, com uma receita liberal ortodoxa, que pleiteia em favor da intensificação do nexo com o mercado internacional, aceitando as regras do jogo, cravadas em cima dos países pobres. (DÖPCKE, 2002).

Esta situação ocorre porque, embora a pobreza existente no continente esteja diretamente relacionada ao colonialismo e à escravidão (DÖPCKE, 2002) gerada pelas grandes potências ocidentais, o NEPAD “aceita o discurso globalista liberal, receitando privatizações, mais integração no mercado mundial, atrair capital financeiro e investimentos e a participação do continente na revolução da comunicação e da informação.” (DÖPCKE, 2002). Assim,

To achieve the above objectives, the NEPAD document adopts a neo liberal economic approach that emphasises the supremacy of market forces and the promotion of free competition within the continent. In other to support and encourage the above objectives, the NEPAD agenda stresses the promotion of good governance. At another level, the programme calls for international support to help create the conducive environment necessary for the reintegration of Africa into the global economy. In other words, the main objective of the NEPAD initiative is to create a favourable environment for the advancement of private capital within the African continent and to make the international business arena more accessible to African goods and enterprises. (EZEHOA; UCHE, 2005).

Nesse sentido – como já indicado no início deste artigo, através dos dados apresentados por Gilley (2010) – é provável que o *New Partnership for Africa's Development* está longe de realizar as metas esperadas e, se a situação continuar sem grandes alterações, dificilmente os africanos conseguirão, até 2015, diminuir pela metade a pobreza absoluta no continente e matricular todas as crianças no ensino primário (DÖPCKE, 2002). Este possível fracasso do *African Renaissance* e de sua principal criação – no caso o NEPAD – podem ser relacionados ao avanço do neoliberalismo pelo continente.

Como é sabido, o fim da Guerra Fria representou o triunfo do capitalismo sobre o socialismo. Esta vitória é marcada não somente pelo avanço da globalização financeira, pelo aumento da integração econômica mundial (Bresser-Pereira: 2009) e pelo completo domínio do neoliberalismo (IANNI, 1998), mas também pela crença de que um país pode se desenvolver através da diminuição da participação do Estado, pela valorização do livre-mercado e do livre comércio (Harvey: 2005). Com isso, a possibilidade de um país se tornar desenvolvido passa a estar atrelada à necessidade de integração à economia mundial e de adequação ao neoliberalismo.

No caso africano, se levarmos em consideração o período que propusemos analisar, isto é, desde o surgimento do *African Renaissance* até os dez anos iniciais do *New Partnership for Africa's Development*, percebe-se que a adequação às “regras do jogo” trouxeram a possibilidade de uma nova interpretação da África, isto é,

[...] for the continent's real regional political economies in the early 1970s: the trio of Africas of the "colonial trade economy", "concession-owning companies" and "labour reserves". Given contemporary global and local political economies, all under the hegemony of neo-liberalism, as the new millennium approaches, there are now more than three Africas. (NYANG'ORO; SHAW, 2000).

Ademais, a adoção dos princípios neoliberais acentuou o processo de “financeirização” da economia africana, facilitando o processo de privatização de empresas estatais. De acordo com Nyang'oro e Shaw (2000) “[...]15 of the continent's 53 countries now have a stock market [...]

[and] Such stock markets symbolise and facilitate the privatisation of the economy, as ex-parastatals can be floated and traded and building societies de-mutualised.”

No entanto, se por um lado a África passou a ser interpretada como um continente heterogêneo e complexo, marcado por um constante processo de “financeirização” da economia, acelerando o processo de internacionalização africana e combatendo o status de marginalização, por outro o neoliberalismo acabou levando os países africanos a disputarem entre si o recebimento de investimentos para suas economias, isto é, enquanto nos anos “1970s, African regimes competed with each other to see who could be the most “African socialist” or interventive. By the late 1990s, however, they’re competing in terms of who offers the most investor-friendly environment.” (NYANG’ORO; SHAW, 2000).

Além disso, se no plano internacional o neoliberalismo leva os países africanos a disputarem entre si a entrada de investimentos advindos de outros países, no plano regional – através da valorização do livre mercado – ele está beneficiando alguns países, principalmente a África do Sul, que vem se tornando o “major beneficiary of free market access and competition in inter continental trade” (EZEHOA; UCHE, 2005), em detrimento de outros.

Isto se deve ao fato de que a maioria dos Estados africanos tem como principal produto de exportação os bens primários – o que dificulta o avanço do comércio intra-africano – e, além disso, trata-se de Estados caracterizados pela baixa competitividade no setor industrial. Logo, “a adoção de políticas internas de privatização e desregulamentação aceleradas” (BAHIA, 2000) não trouxe benefícios, mas sim o aumento do desemprego, este resultado do fechamento de indústrias locais que não conseguem disputar com empresas de países como a África do Sul, este que, em contrapartida, exporta bens manufaturados com maior valor agregado se comparado com os produtos exportados pela maioria dos países africanos (EZEHOA; UCHE, 2005).

De fato, o neoliberalismo vem gerando o aumento da disputa entre os Estados africanos pela recepção de investimentos oriundos das grandes potências; e este acontecimento, somado ao beneficiamento de alguns países através do livre mercado interafricano, vem causando o aumento da diferença existente entre os países africanos com melhor ambiente econômico e outros que não possuem tal característica. Dessa forma, a heterogeneidade e complexidade no modo como a África passou a ser vista não gira em torno da valorização cultural dos países, mas sim, das possibilidades econômicas que cada país pode garantir para as grandes potências.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Luiz Henrique Nunes. A Política Externa da África do Sul: da internacionalização à globalização. In GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org), **África do Sul: Visões Brasileiras**, FUNAG, IPRI, Brasília, 2000.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Assalto ao Estado e ao mercado, neoliberalismo e teoria econômica**. 2009.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a02v2366.pdf> >. Acesso em: 13/07/2011.

DIALLO, Alfa Oumar. (2011) Renascimento Africano e Desenvolvimento. 2011.

Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/20575>>. Acesso em: 08/07/2011.

DÖPCKE, Wolfgang. (2002) Há salvação para a África? *Thabo Mbeki e seu New Partnership for African Development*.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003473292002000100006&script=sci_arttext&tlng=es>.

Acesso em: 05/01/2011

EZEHOA, Abel e UCHE, Chibuiké. **South África, NEPAD and the African Renaissance**. 2005.

Disponível em: <www.ascleiden.nl/Pdf/workingpaper64.pdf> Acesso em: 05/01/2011

- GILLEY, Bruce. ***The End of the African Renaissance***. 2010. Disponível em: <<http://csis.org/files/publication/twq10octobergilley.pdf>>. Acesso em: 05/01/2011
- HARVEY, David. ***A Brief History of Neoliberalism***. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- HEVI, Jacob K. *The Relevance of Values to African Renaissance*, pp. 181-188. In ***African Renaissance***, Volume 1. No 1. June/July 2004, Disponível em: <http://www.hollerafrica.com/pdf/vol1_no_1_contents.pdf#page=179>. Acesso em: 05/01/2011
- IANNI, Otavio. ***Globalização e Neoliberalismo***. 1998. Disponível em: <http://www.seade.sp.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_03.pdf>. Acesso em: 13/07/2011.
- MALOKA, Eddy T. ***The South African “African Renaissance” Debate: A Critique***. 2001. Disponível em: <<http://www.polis.sciencespobordeaux.fr/vol8ns/maloka.pdf>>. Acesso em: 05/01/2011.
- MELBER, Henning. *The New Partnership for Africa’s Development (NEPAD) - Scope and Perspectives*. In CORNWELL, Richard; GATHAKA, Jephthah; MELBER, Henning e WANJALA, Smokin. ***The New Partnership for Africa’s Development (NEPAD) – African Perspectives***. 2002, p. 6-14.
Disponível em:
<<http://www.globalcitizen.net/Data/Pages/1400/papers/2010031912372657.pdf>>. Acesso em: 22/03/2011.
- NABUDERE, Dani W. *The African Renaissance in the Age of Globalization*. 2001. Disponível em: <<http://www.ajol.info/index.php/ajps/article/view/27321> >. Acesso em: 22/12/2010
- NYANG’ORO, Julius E.; SHAW, Timothy M. (2000). ***African Renaissance in the New Millennium? From Anarchy to Emerging Markets?*** 2000. Disponível em: <<http://digital.lib.msu.edu/projects/africanjournals/html/itemdetail.cfm?recordID=351>>. Acesso em: 18/03/2011
- PENA, Pio. ***African Renaissance e a política externa sul-africana nos anos 1990***. 2001. Disponível em:
<http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Cn34UGf7tcJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0>. Acesso em: 12/10/2010.
- TAYLOR. Ian e WILLIAMS Paul. ***South African Foreign Policy and the Great Lakes Crisis: African Renaissance meets Vagabondage Politique***. 2001. Disponível em: <<http://afraf.oxfordjournals.org/content/100/399/265.abstract> >. Acesso em: 18/03/2011.